



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FEMINISMO E MACHISMO NA ESCOLA: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Francisca Genifer Andrade de Sousa

Lorena Brenda Santos Nascimento

Lia Machado Fiuza Fialho

*Universidade Estadual do Ceará (UECE), geniferandrade@yahoo.com.br, lohsantos02@gmail.com,
lia_fialho@yahoo.com.br*

RESUMO: Tomando como ponto de partida o fato da escola assumir papel de grande valia na formação do indivíduo, esse trabalho objetiva compreender os conhecimentos dos professores de educação básica sobre feminismo e machismo, assim como práticas educativas que desenvolvem em sala de aula para trabalhar questões de gênero. Considerando a desvalorização social do sexo feminino produto de caráter histórico, social e cultural que se efetiva de modo “naturalizado” em meio às relações cidadinas, torna-se relevante problematizar e estimular discussões que visam à promoção de reflexões críticas rumo à estagnação de práticas discriminatórias no contexto da educação formal. Nesse sentido, julgou-se necessário desenvolver uma pesquisa qualitativa, por meio de um estudo de caso, em uma escola pública municipal da cidade de Fortaleza-CE, com professores da Educação Básica. Os dados foram coletados por intermédio de entrevista semiestruturada, gravada, transcrita, textualizada e validada. O que se percebe é a prevalência de uma cultura educacional escolar que enseja ênfase ao aprendizado de conteúdos previamente elaborados e reprodução de valores sem a devida criticidade e problematização. Evidenciam-se posicionamentos cotidianos do educador, frente a situações de conflito e discriminação, que contribuem para a disseminação de atitudes machistas e preconceituosas em relação às sexualidades. Constatamos o parco conhecimento dos professores acerca dos construtos machismo e feminismo, bem como a falta de preparo e formação continuada dos professores no que concerne ao debate de feminismo e machismo. Tais aspectos repercutem na prática docente, que se mostra incapaz de mediar o desenvolvimento da práxis pedagógica que abordem a temática.

Palavras Chave: feminismo, machismo, educação, escola.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Introdução

Enquanto bolsistas do PIBID (Projeto de Bolsa de Iniciação à Docência) do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará realizamos observação e participação no cotidiano de uma escola pública no município de Fortaleza, no período de março de 2014 a março de 2015 e pudemos formular o argumento que atitudes como o preconceito, discriminação e segregação dar-se de modo velado no cotidiano escolar. Os atos “naturais” ou “comportamentos espontâneos”, oriundos da cultura familiar e/ou escolar, a que pertencem os alunos, aceitos sem problematização disseminam valores e posturas que reforçam a separação entre os sexos e invisibilidade de outras sexualidades. A esse respeito, o posicionamento do educador pode contribuir de maneira crucial para a efetivação de valores indispensáveis à formação do educando. Percebíamos empiricamente que muitos professores faziam “vista grossa” ao presenciar diferentes formas de discriminação no tocante às questões de gênero, em especial, no que concerne ao sexo feminino - era comum que os meninos não deixassem as meninas jogar futebol porque bola é “coisa de menino”, por exemplo.

Questionamos, pois, quais os conhecimentos dos professores que atuavam na educação básica acerca das discussões contemporâneas de gênero, em especial, sobre feminismo e machismo, no intuito de entender suas práticas educativas ou omissões. O objetivo desta pesquisa, todavia, é compreender os conhecimentos de professores de educação básica sobre feminismo e machismo, assim como as práticas educativas que eles desenvolvem em sala de aula para trabalhar questões de gênero. Afinal, argumentamos que se o professor não intervir de modo a problematizar sobre o respeito à diversidade e às diferentes sexualidades, essa atitude de omissão contribuirá para a conservação da cultura de desvalorização do sexo feminino desde à primeira infância.

Foi em meados do final do século XIX e início do século XX que a marcha que reivindicava direitos iguais entre sexo se intensificou no Brasil evidenciando a insatisfação feminina com a situação em que as mulheres se encontravam. Embora percebamos que já exista maior visibilidade social no que se refere à atuação da mulher em variados setores da sociedade, principalmente no mercado de trabalho, não a restringindo às atividades domésticas como antigamente, existem diversos espaços com resistências que não ensejam igualdade de condições. Nestes, há maior



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

participação masculina que feminina e é evidente também, que persiste a diferença salarial entre homens e mulheres (CARVALHO, FERREIRA, FAGUNDES, 2013)

No imaginário social, continua sendo responsabilidade da mulher o cuidar dos filhos, com todos os esforços físicos e psicológicos que isso representa (SANTANA, 2012). São em situações como essas que percebemos a forte presença do machismo embora em grau inferior que outrora. A sociedade acaba reforçando esses valores intencionalmente ou mesmo sem perceber.

Desde cedo, as crianças são educadas de maneiras diferentes pelos pais, pela escola e pelas relações estabelecidas com a sociedade de modo geral. Uma simples atitude cotidiana como escolher uma roupa azul para um menino e uma rosa para a menina já pode ser considerada como o primeiro indício para a disseminação da dualidade de papéis que cada um exerce socialmente. Há percepção pela criança desde cedo, que entre os meninos e as meninas existe algo que os difere, não apenas no que concerne ao órgão sexual, mas no que se espera do comportamento, ou seja, da maneira de agir. Exemplo disso são os brinquedos e as brincadeiras que ganham caráter específico, tornando-se oportunas para determinado sexo em detrimento do outro.

Já é tradição destinar para as meninas bonecas ou quites de cozinha que fazem menção às atividades do lar como miniatura de panelas, fogões e materiais de limpeza. Para os meninos, geralmente são oferecidas bolas de futebol, carros, espadas e bonecos que representam super-heróis, mantendo sempre a relação dos brinquedos com a figura masculina que se pretende moldar. Fortalece-se assim, a naturalização dos comportamentos e dos valores machistas. É comum ver pais e educadores que fazem uma separação entre o “mundo das meninas” e o “mundo dos meninos”, “coisas de menina” e “coisas de menino”, construindo uma barreira que se apresenta praticamente intransitável entre os dois gêneros (FURLAN, 2013).

Apesar das conquistas e visível a importância que tem as mulheres contemporâneas para a sociedade em geral, o preconceito e a desvalorização destas, contudo, são ainda fortes marcas imbricadas no contexto sociocultural. É justamente nesse sentido que desejamos focar as discussões posteriores, ensejando maior ênfase no tocante à abordagem da temática feminismo e machismo dentro da sala de aula na interface com a realidade social e histórica que dizem respeito a tais questionamentos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Metodologia

Esse trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa qualitativa, tendo por objetivo reconhecer os conhecimentos e as práticas pedagógicas de docentes atuantes num sistema de ensino municipal público, em especial, a respeito de suas compreensões sobre o feminismo e o machismo, e como estes construtos vem sendo trabalho em sala de aula. Tal investigação apoia-se no estudo de caso com 06 (seis) professores da Escola Municipal professor Maurício de Mattos Dourado escolhidos aleatoriamente para participar do estudo.

As entrevistas semiestruturadas foram desenvolvidas com as educadoras da escola de turmas distintas, seguindo a opção pela escolha aleatória, nas quais englobavam 4 (quatro) perguntas chaves: 1) O que você entende por feminismo? 2) O que você entende por machismo? 3) Já abordou esses temas em sala de aula a partir de alguma atividade? Se sim, especifique. 4) Você já presenciou alguma manifestação de feminismo ou machismo nas relações entre os alunos na escola? Se sim, descreva.

A escola pública municipal foi selecionada por ser o campo de atuação dos bolsistas PIBID e por apresentar abertura necessária para o desenvolvimento do estudo. Ela oferece em torno de 15 turmas nos turnos da manhã e tarde, que contemplam o Ensino Infantil e Fundamental I. Dos 08 (oito) professores abordados, somente 06 (seis) se comprometeram a colaborar com a entrevista, e todas eram do sexo feminino. O termo de consentimento foi assinado pelas docentes que se disponibilizaram, autorizando suas participações de forma espontânea e livre na pesquisa. Para preservar as identidades, os nomes das entrevistadas serão substituídos por abreviação, ficando denominadas de: RQ; TM; JL; GA; LM; PN.

Recolhemos as informações a partir da história oral temática, por meio de gravações que visam apontar as respostas das professoras de modo contextualizado, referenciando às questões abordadas nas perguntas, e gerando, por consequência, os enunciados, de modo que possa possibilitar reflexões sobre os fatos socializados pelos próprios protagonistas acerca do assunto pesquisado (FREITAS, 2006). As reflexões serão expostas e discutidas por meio da análise do discurso, seguindo um sequenciamento de acordo com a ordem das falas gravadas, tendo por



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

finalidade atingir o objetivo principal, que é entender como as professoras do ensino básico percebem o feminismo e o machismo dentro da escola, se participaram de alguma formação para trabalhar essa temática em sala de aula e que ações pedagógicas são desenvolvidas na interface com as questões de gênero.

Resultados e discussão

O predomínio do machismo é fruto dos valores culturais que se concretizam como herança histórica. Há um mito religioso que afirma que a mulher foi criada por Deus a partir da costela de Adão. Logo, a mulher “nasce” do corpo do homem. Desse mito, já surge ideia de submissão feminina frente ao homem (MARTINS, 2004). Relatos de experiência profissional de duas educadoras da Educação Infantil comprovam ser o machismo, uma construção que de fato, emerge do próprio seio cultural. Ao atuarem com crianças com idade de 05 (cinco) anos, percebem que essas ainda não demonstram atitudes que possam estar relacionadas à desvalorização feminina e que tais comportamentos tendem a aparecer mais tarde. O seguinte trecho faz parte da fala da professora da Educação Infantil PN ao perguntarmos se já havia presenciado alguma manifestação machista ou feminista:

Nunca vi. Até porque eles são muito pequenininhos, isso não existe ainda, a gente percebe até na relação entre eles. Nas turmas maiores a gente já percebe que as meninas ficam num grupo que normalmente é só delas e os meninos também. Com cinco anos, eles são muito unidos, sabem que tem uns que são meninos e outras meninas, mas não fazem diferença no tratamento.

Quanto à atual professora do 5º ano, as afirmações desta, são semelhantes ao fazermos o mesmo questionamento: Se já presenciou em sala de aula momentos de desrespeito entre os alunos por causa da diferença de sexo. L.M diz que na turma de 5º ano acontecem muitos conflitos e relata que enquanto professora de Educação Infantil, esse tipo de conduta era inexistente. “Lembro que naquela turma era muito tranquilo. Como eu ficava no infantil 05, essa não era uma característica que eles apresentavam ou que já tenham o entendimento. Isso vai aparecer lá pelo 3º ano, 4º ano. L.M atenta para um caso que ocorreu na atual turma de 5º ano:

[...] eu dividi a turma em equipe e coloquei um menino num grupo que só tinham meninas, ele disse que não ia fazer a atividade só porque não gostava de fazer atividade com as meninas. Mas eu deixei ele lá mesmo e ele simplesmente não fez



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nada. Conversei com ele sobre os direitos, que existe preconceito e discriminação mas isso não é legal. Eu percebi também que ele não mudou nada. Vi aquilo como um machismo muito forte, o que é pior é que isso é hábito da própria família dele. Deve ser normal pra ele.

Essa naturalidade que L.M destaca é justamente aquilo que consideramos cultura ou herança histórica. Desde cedo, muitas crianças dentro do próprio convívio familiar assistem episódios de autoritarismo por parte do pai e submissão em relação à mãe. São práticas cotidianas como essa, que vêm contribuindo para a conservação e fortalecimento, mesmo que de maneira inconsciente, da cultura que desvaloriza a mulher. É justamente nesse sentido que (RODRIGUES, 2007, p.15) observa que: “Cultura se transformou em sinônimo de identidade, um indicador e um diferenciador de identidade. Naturalmente a cultura sempre foi um sinal de distinção social.” É por intermédio da cultura e naturalização desta, que se percebe uma diferença gritante entre os dois sexos não só hoje em dia, mas também na antiguidade.

A professora JL define o machismo da seguinte maneira: “*O machismo é quando o homem acha que é o mais forte. Tem casos até que eles batem e maltratam as mulheres. Acham que a mulher é frágil. Como a Maria da Penha, aquela da lei, o marido dela se achava muito forte.*”. Essa cultura machista relatada pela professora é a mesma discutida pela colunista da revista Portal Fórum, Cynthia Semíramis:

Durante séculos, as mulheres não foram vistas como merecedoras dos mesmos direitos que os homens. A sociedade foi organizada para negar seus direitos, estabelecendo papéis diferentes para os homens e mulheres. Na divisão desses papéis de gênero, as mulheres foram subordinadas aos homens, caracterizando uma cultura machista na qual o homem tem mais poder e mais direito. (PORTAL FÓRUM, 2013)

Ao questionarmos sobre as compreensões que as professoras da Educação Básica têm a respeito de feminismo e machismo considerando serem estas, temáticas de grande valia a serem tratadas para discussões em sala de aula. Aqui, nos deparamos com uma realidade em que podemos evidenciar dificuldade (não por todas as entrevistadas) até para conceituar esses dois termos. A professora do 3º ano pediu um tempo para pesquisar a resposta. Em outro caso, a professora respondia sem segurança enquanto falava e usava expressões como “*Eu acho que é isso*”, “*Ao*



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

menos eu penso assim”, “*Eu não sei não. É muito difícil*”, “*Está certo?*”. Em dois casos, as professoras desistiram de fazer a entrevista ao serem informadas qual o tema tratado. A primeira falou que não poderia aceitar participar porque esse não era um assunto que tivesse domínio ou que gostasse de falar e a outra justificou falta de tempo.

Essa dificuldade que as professoras sentem decorre do fato das discussões nesse sentido não fazerem parte da realidade escolar da instituição lócus de pesquisa. TM diz que sempre presencia momentos de desrespeito dos meninos com as meninas. No entanto, afirma que não cabe a ela tomar para si, uma responsabilidade que diz respeito a todo o sistema educacional. Não há como por iniciativa própria desenvolver algo mais abrangente como um projeto que trate feminismo, machismo e respeito ao próximo. Menciona também a prioridade dos currículos, que valorizam a outros aspectos da formação do educando:

Se a gente for parar pra conversar sobre machismo e feminismo toda vez que surgir uma atitude dessas, vai levar muito tempo e não terá como passar o conteúdo do dia. Tenho que dá a matéria para não ser chamada atenção. Então na maioria das vezes eu deixo passar, só chamo a atenção do aluno mesmo e nada mais aprofundado. Lembro de uma vez que eu estava perguntando as respostas de uma atividade de casa para a turma e pedi para eles responderem em voz alta. Tinha uma menina que sempre respondia primeiro e um menino que ficava tentando responder antes dela. De repente ele virou para ela e disse: Tu só pode responder depois de mim. São os homens primeiro! Entendi isso como uma atitude de super poder que ele acha que o homem tem.

Essa problemática não é apontada somente por TM, outras professoras também relatam sobre a falta de projetos referentes ao feminismo e machismo ou que aborde ao menos as diferenças. É dada ênfase a real necessidade de promover ações que tomem esse rumo: “*Algum projeto, alguma coisa nesse sentido não temos. Porém a gente trabalha com as crianças assim, a questão de cidadania, de direitos e deveres da mulher e do homem só quando sentimos a necessidade mesmo.*”-GA. JL também diz debater feminismo e machismo sem nenhum aprofundamento porque essa, além de não ser uma exigência do currículo, também há a ausência de formação continuada, o que para ela seria muito importante. “*Se há formação de Português e de Matemática, porque não sobre machismo e feminismo para formar o cidadão?*”-questiona. RQ que também diz tratar sobre o assunto de maneira superficial por não se sentir preparada:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Trabalho de uma forma indireta. Quando abordo em sala de aula direitos e deveres dos alunos, respeitar as diferenças. Trabalhando com as atividades como festas alusivas ao dia das mães, dos pais e comemoração ao dia da mulher estou trabalhando com o feminismo e machismo mesmo que de forma sucinta, até porque nem tenho como fazer discussões mais aprofundadas, não está ao meu alcance.

Traços do passado ainda se encontram em meio às relações atuais. Conforme colocado anteriormente, para os gregos era natural desvalorizar a mulher, assim como nos dias de hoje vemos que isso ainda acontece. A diferença é que o fato da mulher ter lutado pelos direitos que lhe pertencem naturalmente, fez com que o estado de aceitação perante as humilhações fosse amenizado, mas o machismo continua a existir. A percepção da mulher pelos seus direitos até então negados, direcionou a formação de movimentos que defendem uma complexidade de direitos femininos. A respeito dessa luta, R Q expõem: *É a valorização do eu feminino. Eu vejo também como um reflexo de defesa em relação ao machismo.* Essa é a concepção que muitos têm quando o assunto é feminismo. Logo vêm à mente uma figura de mulher que percebe o valor que tem, e desde então, luta para conquistá-los.

A Revista do observatório do Brasil da Igualdade de Gênero (BRASIL, 2009) nos mostra alguns dados que comprovam a participação feminina em várias áreas. No campo político, a revista afirma que 50% dos eleitores são do sexo feminino e no campo educacional, temos um índice que comprova que o grau de escolaridade da mulher atualmente é superior ao do homem. Contrastando com a atual realidade de lutas e conquistas pela mulher, JL relata:

O feminismo veio justamente pra mostrar que a mulher não é só o lado frágil, que a mulher é forte, que a mulher hoje trabalha, cuida da casa, cuida do marido, né? E que é muito forte. Aquela música de Erasmo Carlos diz tudo né? A mulher não é um sexo frágil. Então o feminismo veio pra isso, pra mostrar. Hoje temos mulher nas fábricas, mulher mecânica, mulher motorista de ônibus e antigamente a mulher não dirigia nem um carro. Não era pra mulher dirigir carro, não era pra mulher trabalhar fora. Hoje ela já faz tudo isso e muito bem.

Deve-se reconhecer a diferença de gêneros sexuais como diferença e não como carência. (FERNANDEZ, 1994) considerando que essas diferenças não são determinantes para o desempenho “mais” ou “menos” satisfatório. Mesmo a partir do avanço rumo à inserção no mercado de trabalho,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

as mulheres continuam a sofrer discriminações. Isso é o que evidencia um funcionário da Honda em entrevista para a Revista EM:

Na empresa, a maioria dos cargos mais altos é desempenhado por homens e não por mulheres. Como a empresa é muito grande, existem muitos cargos de gerente geral, gerente, supervisor, coordenador e chefe. Pelo que a gente sabe são mais de 150 cargos desses, só que não tem nem dez mulheres exercendo essas funções. (OBSERVATÓRIO SOCIAL, p.9.2004)

Se por um lado o feminismo é visto como a expressão da força da mulher em forma de luta e defesa contra o machismo, por outro, o mesmo também é considerado uma tentativa de fazer com os homens, o que um dia eles fizeram e ainda fazem com o sexo oposto. A esse respeito, TM diz: *“Atitudes femininas que de certa forma exageram e querem ser superior. Eu não concordo com isso. Há mulheres que exageram na forma de protesto, isso não é legal, o problema não vai ser resolvido dessa forma.* Com esse mesmo pensamento, GA atenta para a forma que tanto o “feminismo exagerado”, quanto o machismo se fazem presentes em sala de aula:

Eu tinha uma aluna que ela era excelente jogadora de futebol e por isso os meninos diziam que ela parecia um homem. O que não tem nada a ver. Entendeu? Porque ela sabia jogar futebol muito bem e era discriminada por essa questão. Como tem o contrário também. Menino que é mais delicado, mais fino, e as pessoas já tratam ele diferente também. Fazendo comparações com homossexual, o que não haveria problema algum se fosse, mas eu sei que ele não era, só tinha um jeito diferente dos outros meninos mesmo.

Ao que se percebe, não há somente preconceito com as mulheres. As manifestações que discriminam os homens também acontecem. As condutas idealizadas pela construção cultural os colocam numa posição onde a fraqueza não pode ganhar destaque. A imagem de um homem sensível pode ser facilmente relacionada com a falta de masculinidade do mesmo. TM diz já ter presenciado em sua turma uma atitude de desrespeito contra um menino que escrevia com mais atenção e buscava caprichar mais a letra. *“A turma toda, tanto os meninos quanto as meninas, ficavam se referindo a ele como menininha, delicado e filhinho da mamãe.”*-Conta a professora. No entanto, como menciona RQ, o machismo acontece com mais frequência e intensidade que o feminismo, sendo esse, segundo a professora, fruto do machismo: *“Assim, existe preconceito contra*



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

os meninos sim. Quando o menino não é como todos os outros ele se torna alvo de críticas sim, mas são as meninas são mais vítimas ainda. E só existe feminismo porque existe machismo.”

As concepções de como deve proceder a formação do “eu masculino” e do “eu feminino” se encontram tão inculcadas socialmente que quando uma menina se recusa a usar uma roupa cor de rosa, brincar de boneca ou dançar balé, ela já passa a ser vista como um desvio do padrão pela própria família, escola e sociedade. O mesmo acontece com o menino, é esperado que ele seja “moldado” a partir das características masculinas que a sociedade impõem e ver como corretas. Se ele não tem comportamento semelhante ao dos outros meninos. Portanto, desde cedo o meio em que a criança vive, a começar pelos pais e posteriormente pela escola e corpo social, tratam de manter a divisão entre “coisas de menino” e “coisas de menina”. As tarefas do lar geralmente são feitas exclusivamente pelas mães, poucos são os casos em que os maridos ajudam nesses afazeres. Se um menino cresce vendo essa divisão de tarefas cotidianas que leva em consideração o sexo do indivíduo, as chances de tornar um adulto machista são maiores.

Em referencia a essa discussão, das 6 (seis) professoras entrevistadas, 4 (quatro) delas atentam para o papel da escola e do educador durante o processo de formação da criança notando que não há como descartar a influência escolar e dos colegas na formação do caráter e personalidade de uma criança. Conforme apresentado nos dois discursos em sequência. “*Apesar da falta de recurso e formação nessa área, é importante que a gente trabalhe com esse tema porque a escola também é pra formar o cidadão do futuro*” -(RQ); “*Eu penso assim, se uma situação de discriminação acontece, seja com o menino ou com a menina, o professor tem que fazer alguma coisa. Se não fizermos nada, vamos está aceitando e contribuindo para que isso continue acontecendo*”. -(GA).

Todavia, mesmo reconhecendo a importância e necessidade da escola se portar de modo a formar adultos compromissados com o respeito aos direitos iguais para ambos os sexos, vai além da esfera educacional, o papel de resolver esse tipo de comportamento que pode ter razões e consequências complexas e alheias à instituição. Conforme aqui já foi discutido, as raízes do preconceito é construção que perpassa áreas distintas do âmbito social. É esse o aspecto que se refere TM ao refletir sobre sua posição como educadora perante as manifestações de machismo e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

feminismo em sua turma: “*Eu sei que eu deveria tentar conscientizar eles mais, só que eu não posso fazer muita coisa, entende? Não depende só de mim. Isso eles já tem! É deles mesmo! Eles veem isso em casa.*” O pensamento da professora não está incerto. Realmente a escola não tem o poder de moldar efetivamente a personalidade do indivíduo desconsiderando o contexto social a que pertence. No entanto, deve ser pensado que a escola, como lugar privilegiado de exercícios de discursos pautados em relações sociais, constitui-se como um espaço tanto de (re) produção quanto de problematização das hierarquias, e é necessário perceber como isto ocorre para tornar efetivo o combate às desigualdades. (SCOTT; LEWIS; QUADROS, 2009)

Considerações finais

Esse trabalho objetivou compreender como a temática relacionada ao feminismo e machismo acha-se abordada no âmbito da Educação Básica, percebendo os conhecimentos dessa área que são dominados pelos educadores e apresentar compreensões que nos remetem visualizar a real situação desses conflitos em sala de aula mediante as manifestações histórico-culturais que se fazem presentes no contexto educacional. A partir das entrevistas realizadas apurou-se que as dificuldades encontradas pelas professoras são muitas, embora frequentemente aconteçam atitudes de discriminação ao próximo em decorrência do sexo. A começar, afirmaram que não há tempo para trabalhar o assunto devido à lotação da carga horária escolar ser preenchida com outras disciplinas que são consideradas mais importantes. Outro empecilho que se encontra, é a falta de preparo voltado para esse ponto em consequência primeiramente, da ausência de investimentos que vise formação continuada sobre o assunto.

Apesar dos bloqueios, a maior parte das professoras busca promover discussões sobre o feminismo e machismo sempre que há possibilidade ou quando se faz necessário, seja de modo interdisciplinar, fazendo relação a outros temas ou quando acontecem atitudes preconceituosas nesse sentido. O posicionamento tanto da escola quanto do educador tem o potencial de contribuir ou enterrar a disseminação da cultura machista que desvaloriza a mulher. Fica evidenciada assim, a importância de trabalhar com essa temática considerando ser indispensável à formação global do



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

aluno. Para tal, se faz necessária formação continuada que vise propiciar com mais afinco o respeito às diferenças.

Referências bibliográficas

CARVALHO. M, C, S; FERREIRA. M, L, A. FAGUNDES. C, M. **Avanços e desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho.** Buenos Aires. 2013

FERNÁNDEZ, A. **A mulher escondida na Professora.** Porto Alegre- 1994. Artes Médicas

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral:** possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FURLAN C. *crianças e professoras com a palavra: gênero e sexualidade nas culturas infantis.* 230f. Dissertação (Pós Graduação em Educação Universidade Estadual de Maringá). Maringá. 2013

MARTINS, B. S. **Feminismo e Educação: Um desafio do passado ou uma questão repensada.** Nucleus Revista Científica da Fundação Educacional de Ituverava. São Paulo. V.2 n.1 abr./out., 2004

OBSERVATÓRIO SOCIAL. **Revista E M.** Florianópolis: Bangraf, 2004. Disponível em: <http://www.observatoriosocial.org.br/download/emrevista5.pdf>. Acesso em: 09. Abr. 2015

PORTAL FÓRUM. Mídia: **A maior propagadora do machismo.** Porto Alegre, n 9, Fev. 2013. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/01/midia-a-maior-propagadora-do-machismo>>. Acesso em: 11. Abr. 2015

RODRIGUES, M. B. **Interculturalidade: Por uma genealogia da discriminação.** Itália, Set/Dez, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000300009>. Acesso em: 11. Abr. 2015

SANTANA, Dinamares Fontes de. **Discriminação da mulher e do Direito do Trabalho: da proteção à promoção da igualdade.** Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 13 fev. 2012. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.35778&seo=1>>. Acesso em: 08 abr. 2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SCOTT, P; LEWIS, L; QUADROS, T de. **Gênero, Diversidade e Desigualdades na Educação: Interpretações e reflexões para Formação Docente**. Pernambuco: Editora Universitária UFPE. 2009